

Lênin - um teórico sutil e complexo



Por **LUÍS FELIPE MIGUEL***

A lição incontornável deixada por Lênin é a de que é possível, de que é necessário, ousar sonhar com um novo mundo e lutar para construí-lo

Neste domingo, completam-se cem anos da morte de Vladímir Ilitch Lênin. Ele foi um dos maiores pensadores marxistas de sua geração, um estrategista político genial e um ser humano admirável.

No Ocidente, o discurso hegemônico tenta vesti-lo com a fantasia do “ditador sanguinário”, um adepto primário da visão de que “os fins justificam os meios”, um Joseph Stálin. O desconhecimento em relação a seu pensamento é gritante. Até um intelectual liberal esclarecido, como Robert Dahl, quanto dedica algumas páginas a ele (em seu *Democracy and its critics*), não passa de generalizações primárias e comete erros tão pueris quanto chamá-lo de “Nikolai”.

Na esquerda ortodoxa, foi transformado numa espécie de Messias. Sua obra foi tão embalsamada quanto seu corpo, passando a integrar o corpo de escritos sagrados – o “marxismo-leninismo” – que não se podia interpelar, nem aproveitar criticamente, apenas reverenciar.

Mas Vladímir Ilitch Lênin foi um teórico sutil e complexo, cujas contribuições para a estratégia da transformação social, para a compreensão do Estado capitalista e para o estudo do imperialismo continuam merecendo atenção. Foi também um exemplo de militante revolucionário, com dedicação a toda prova e uma incrível capacidade de sacrifício pessoal.

Longe de aceitar a doutrina simplista de que os fins justificam os meios, Vladímir Ilitch Lênin tinha uma consciência aguda do drama da política, tal como enunciado por Maquiavel: a tensão entre princípios e resultados, entre a ação no presente e a responsabilidade pelo futuro.

No tortuoso processo de deflagração da Revolução de Outubro, brilhou a genialidade política de Lênin, que naquele momento foi capaz de decifrar com perfeição a fortuna e encarnar de maneira cabal a *virtù*.

Só podemos especular qual teria sido o desenvolvimento da Rússia soviética sem sua incapacitação e morte prematuras. Sabemos apenas que, em seu testamento, ele advertiu contra Stálin.

Dedicou sua vida à revolução, mas não foi um bitolado, um ser humano incompleto. Lembro de uma história deliciosa que Jean Cocteau conta em sua entrevista à *Paris Review*, quando discorre sobre a vida boêmia na Paris do início do século passado: “Naquela época, todos nós nos reuníamos no Café Rotonde. E um homenzinho com uma testa enorme, arredondada e cavanhaque preto às vezes costumava entrar lá para tomar um gole e nos ouvir conversar. E para ‘olhar os pintores’. Uma vez perguntamos ao homenzinho (ele nunca dizia nada, só escutava) o que ele fazia. Disse que tinha a séria intenção de derrubar o governo da Rússia. Todos nós rimos, porque, é claro, tínhamos essa mesma intenção. Era assim aquela época! Era Lênin.”

a terra é redonda

Não foi um santo – ninguém que se dedica à ação política pode se dar ao luxo de sê-lo. Acertou e errou, como todos nós. A revolução que comandou se perdeu no caminho e pereceu de forma melancólica. Mas sua principal lição nós não podemos apagar: a de que é possível, de que é necessário, ousar sonhar com um novo mundo e lutar para construí-lo.

***Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de [Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil](#) (Autêntica).

Publicado originalmente nas redes sociais do autor.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)